

Breve cronologia de Antonio Gramsci (1891-1937): os anos de cárcere

1926 23-26 de janeiro. Gramsci participa, em Lyon (cidade escolhida para evitar a repressão fascista), do III Congresso do PCI. O novo grupo dirigente, por ele liderado, obtém 90,8% dos votos.

Agosto. Desfruta de alguns dias de férias com o filho Delio (1924-1981) em Trafòì, na província de Bolzano (Itália). Sua mulher, Giulia Schucht (1896-1980), grávida, volta a Moscou, onde pouco depois nasceria Giuliano (1926-2007), que Gramsci jamais conheceu.

14 de outubro. Em nome do birô político do PCI, envia carta ao Comitê Central do PC russo tratando das lutas internas do partido bolchevique. Diante das críticas que lhe dirige Palmiro Togliatti (1893-1964) em Moscou, reafirma seus argumentos numa segunda carta. Redige “Alguns temas da questão meridional”.

1-3 de novembro. Reunião clandestina do Comitê Central, perto de Gênova, com a participação de J. Humbert-Droz, encarregado pelo Komintern de informar sobre a luta no partido bolchevique entre a maioria (Stalin, Bukharin) e a oposição (Trotski, Zinoviev, Kamenev). Gramsci, ao dirigir-se à reunião, é abordado pela polícia em Milão e obrigado a voltar para Roma.

8 de novembro. Em consequência das “medidas excepcionais” adotadas depois de um obscuro atentado contra Mussolini, Gramsci – apesar da imunidade parlamentar – é preso, com outros deputados comunistas, no cárcere romano de Regina Coeli.

18 de novembro. Com base na Lei de Segurança Pública, Gramsci é condenado ao confinamento por cinco anos.

7 de dezembro. Chega à ilha de Ustica. Durante a breve permanência, mora em casa particular, com Amadeo Bordiga e outros. Piero Sraffa (1898-1983) – um dos mais importantes economistas do século XX – logo estabelece correspondência com Gramsci, cumprindo orientação partidária.

1927 14 de janeiro. O Tribunal Militar de Milão, por ordem do juiz Enrico Macis, emite mandado de prisão contra Gramsci.

7 de fevereiro. Chega à prisão de San Vittore, em Milão.

19 de março. Comunica à cunhada, Tatiana (Tania) Schucht (1887-1943), um plano inicial de estudos sobre a história dos intelectuais italianos, linguística comparada, o teatro de Pirandello e os romances de folhetim.

Maior. Para assistir Gramsci, Tatiana se transfere de Roma para Milão.

Agosto-setembro. Recebe a visita do irmão Mario (1893-1945), adepto do fascismo, e, algum tempo depois, de Sraffa. De setembro de 1927 a janeiro de 1928, tem frequentes encontros com Tatiana.

Setembro-outubro. Primeira tentativa de troca de prisioneiros, envolvendo o governo soviético e o Vaticano. Posição negativa de Mussolini.

1928 Março. Recebe carta de Moscou, com data de 10 de fevereiro, assinada por “Ruggero” (Ruggero Grieco, dirigente do PCI, 1893-1955). Macis insinua que Gramsci tem amigos que o querem prejudicar. O prisioneiro desenvolveria, com o tempo, um atroz sentimento de traição: uma vez obtida a liberdade, pretendia instaurar uma investigação sobre a carta de Grieco no âmbito do partido italiano.

11 de maio. Parte para Roma num vagão-celular, com outros companheiros.

28 de maio – 4 de junho. O Tribunal Especial realiza o chamado “processão” contra Gramsci e o grupo dirigente do PCI. Gramsci recebe a pena de vinte anos, quatro meses e cinco dias de reclusão.

22 de junho. Passa por exame médico especial: por sofrer de uricemia crônica, deve cumprir a pena na Penitenciária Especial de Turi, na província de Bari.

13 de julho. Carta de Togliatti a Bukharin, pedindo que a tripulação do quebra-gelo soviético *Krassin* – que havia salvado homens da expedição de Alfredo Nobile no Ártico – fizesse um apelo pela liberdade de Gramsci. A iniciativa não vai adiante.

19 de julho. Chega a Turi, onde recebe o número de matrícula 7.047.

Julho-setembro. Em Moscou, o VI Congresso da Internacional Comunista liquida a política de frente única e aponta os sociais-democratas como “sociais-fascistas”, a ala esquerda e mais perigosa do fascismo.

Dezembro. Sofre um ataque de uricemia. Durante cerca de três meses, passa o tempo do banho de sol sentado ou apoiado no braço de outro prisioneiro. Primeira viagem de Tatiana a Turi.

1929 8 de fevereiro. Começa a redigir os “cadernos”.

29 de março. Especifica a Tatiana seu plano de estudos: a história italiana do século XIX e, em particular, a formação e o desenvolvimento dos grupos intelectuais; a teoria e a história da historiografia; o americanismo e o fordismo.

Março-abril. Segunda viagem de Tatiana a Turi.

Dezembro. Tatiana transfere-se para Turi, onde permanece até julho de 1930.

1930 Junho. Recebe a visita do irmão Gennaro (1884-1965), enviado por Togliatti para pô-lo a par dos conflitos no grupo dirigente do PCI, da questão do trotskismo e da nova linha de “classe contra classe”.

Julho. Beneficia-se do indulto de um ano, quatro meses e cinco dias. Sabe que Giulia foi internada, em Moscou. Tem novo encontro com Gennaro.

Novembro-dezembro. Com a chegada de alguns companheiros (Enrico Tulli, Ezio Riboldi, Athos Lisa etc.), Gramsci começa um ciclo de discussões na prisão. De acordo com as novas orientações do Komintern, o PCI previa para a Itália a radicalização da luta de classes e a crise iminente do regime. Gramsci, ao contrário, sugere a palavra de ordem da Assembleia Constituinte, plena de consequências políticas e teóricas para o futuro. Suspensas as discussões, passa por um período de isolamento político.

1931 Abril. Numa localidade entre Colônia e Düsseldorf, tem lugar o IV Congresso do PCI, que assinala a atualidade da revolução proletária.

Junho. Recebe obras de Marx, em francês, bem como um suplemento da revista *The Economist* sobre o primeiro plano quinquenal soviético.

Agosto-setembro. Sofre a primeira grave crise de saúde (3 ago.). Carlo (1897-1968), o irmão mais novo, visita-o. Transmite a Tatiana, para que o faça chegar a Umberto Cosmo, seu antigo professor, o esquema do ensaio sobre o Canto X do Inferno.

1932 Agosto. A saúde continua a se deteriorar. Tatiana, em combinação com Sraffa, lhe sugere ser examinado por um médico de confiança.

Setembro-outubro. Nova tentativa de troca de prisioneiros – envolvendo três sacerdotes detidos na URSS –, sugerida

pelo governo soviético e aceita pelo Vaticano. Nova recusa de Mussolini.

Novembro. Com a anistia pelos dez anos de regime, a condenação de Gramsci é reduzida para doze anos e quatro meses. Sraffa se empenharia, nos meses seguintes, na concessão da liberdade condicional.

30 de dezembro. Morre a mãe de Gramsci, Giuseppina Marcias, em Ghilarza.

1933 Janeiro. Tatiana se muda para Turi, onde permanece até o verão, salvo breves viagens a Roma.

7 de março. Segunda grave crise. Por duas semanas, dois companheiros o assistem dia e noite. Um deles, Gustavo Trombetti, presta-lhe assistência até novembro.

20 de março. Umberto Arcangeli, o médico de confiança, examina o prisioneiro e sugere a necessidade de um pedido de clemência, mas encontra a firme oposição de Gramsci. Arcangeli declara que o prisioneiro não sobreviveria a não ser que fosse transferido para uma clínica ou um hospital.

Maio-junho. O laudo de Arcangeli aparece em *L'Humanité* e no Socorro Vermelho. Em Paris, é criado um comitê para a libertação de Gramsci e das vítimas do fascismo, do qual fazem parte Romain Rolland e Henri Barbusse.

Agosto. Carlo e Tatiana encontram-se várias vezes com Gramsci. Carlo toma as providências para obter a transferência de Turi.

Setembro-outubro. No âmbito diplomático, preferido por Gramsci, Potëmkin, embaixador soviético em Roma, escreve a Piatnitski, representante russo no Komintern, expondo o estado de saúde do prisioneiro. Piatnitski sugere uma troca com sacerdotes poloneses detidos na URSS. A iniciativa não foi adiante, e ainda não há documentação disponível a respeito.

Outubro. Aceito o pedido de transferência, as autoridades escolhem, meticulosamente, a clínica do dr. Giuseppe Cusumano, em Formia.

19 de novembro. Passa provisoriamente pela enfermaria da prisão de Civitavecchia, perto de Roma.

7 de dezembro. Vai de Civitavecchia para a clínica de Formia. Tatiana encontra-o todas as semanas; Carlo e Sraffa também fazem visitas. As condições de saúde o impedem por algum tempo de escrever.

1934 Janeiro. Por motivo ignorado, a diplomacia italiana se interessa por uma certa Urusova, cidadã russa presa num *gulag*. Os soviéticos propõem informalmente, por cerca de um ano, a inclusão de Gramsci na negociação.

12 de julho. É examinado pelo prof. Vittorio Puccinelli, um conhecido de Tatiana, da Clínica Quisisana, em Roma.

Setembro. A campanha pela libertação reacende-se: Romain Rolland publica um folheto, traduzido no Brasil: *Os que morrem nas prisões de Mussolini* (Antonio Gramsci). Tradução de Colbert Malheiros. São Paulo, Udar, 1935, 15 p.

24 de setembro. Apresenta pedido de liberdade condicional.

25 de outubro. Sai o decreto de liberdade condicional. Dois dias depois, acompanhado por Tatiana, vai pela primeira vez às ruas de Formia, sempre sob vigilância policial.

14 de dezembro. O embaixador Potëmkin encontra-se com Mussolini e propõe negociações em torno do prisioneiro. Mussolini recusa.

1935 Junho. Sofre nova crise. Renova o pedido para sair da Clínica Cusumano.

24 de agosto. Deixa a Clínica Cusumano para ser internado na Clínica Quisisana, em Roma. Aqui, assistido por Tatiana e visitado frequentemente por Carlo e por Sraffa, continua sob severa vigilância policial.

Julho-agosto. Realiza-se, em Moscou, o sétimo e último congresso do Komintern. Adota-se a política de frente popular e valoriza-se a busca de alianças com as democracias burguesas, agora consideradas distintas do nazismo e do fascismo.

- 1936 Gramsci retoma a correspondência com a mulher e os filhos.
- 1937 Abril. Encerra-se o período de liberdade condicional. Em acordo com Sraffa, decide apresentar um pedido de expatriação para a União Soviética. Na noite de 25, sofre derrame cerebral e, tendo ao lado Tatiana, morre na madrugada de 27. Os funerais têm lugar no dia 28. As cinzas de Gramsci são sepultadas no cemitério municipal de Verano; em 1938, por iniciativa de Tatiana, são transferidas para o Cemitério dos Ingleses, sempre em Roma.

Prefácio à edição brasileira

Maria Alice Rezende de Carvalho

Estudos sobre o pensamento de Antonio Gramsci costumam mobilizar grande número de historiadores especializados nas relações mantidas entre o Partido Comunista Italiano e a política do Komintern (Internacional Comunista) no entreguerras. Desde 1975, ano em que se publicou na Itália a edição crítica dos *Cadernos do cárcere*, e mesmo agora, quando começou a se publicar uma exaustiva Edição Nacional dos Escritos de Gramsci, é crescente o investimento na recuperação de fontes associadas à história do PCI, tendência consolidada com a chegada de Giuseppe Vacca à direção da Fundação Instituto Gramsci, em 1988. Com Vacca, um dos mais influentes intelectuais pós-comunistas da atualidade, o Instituto passou a abrigar novos *corpi* documentais, recrutou pesquisadores experientes, formou outros tantos e ampliou a circulação da revista *Studi Storici*, em visível esforço de reorganização do campo de estudos gramscianos, projetando-o para os embates que viriam na década de 1990 e depois. De fato, a criação do Partido Democrático da Esquerda (PDS) e sua metamorfose na mesma década,¹ a proliferação de perspectivas pós-comunistas, de “melhoristas” a radicais, avivaram reivindicações quanto ao legado teórico e político de Antonio Gramsci e emprestaram maior relevância à certificação histórica dos argumentos mobilizados. A pesquisa tornou-se, então, um dos *fronts* da luta política e instrumento de organização daquelas frações.

Foi, portanto, sob o signo do combate que Giuseppe Vacca escreveu este *Vida e pensamento de Antonio Gramsci – 1926-1937*,

¹ A experiência do pós-comunismo italiano é singular: entre 1989 e 1991, dissolve-se o antigo PCI, cujas forças majoritárias deram origem ao Partido Democrático da Esquerda (PDS) e, a partir de 1998, aos DS (Democráticos de Esquerda). Este último grupo, recolhendo outros setores do reformismo católico e socialista liberal italiano, transformou-se, em 2007, no atual Partido Democrático (PD).

fruto de um trabalho coletivo de investigação que, ao longo de vinte anos, reuniu e examinou determinado segmento do epistolarário gramsciano: as cartas trocadas com a cunhada Tania Schucht e a correspondência que ela manteve, paralelamente, com familiares e com Piero Sraffa, o economista italiano, amigo de Gramsci, que começava a se projetar no ambiente keynesiano da Cambridge University. Baseando-se nesse conjunto de cartas, Vacca produziu uma narrativa plausível e emocionante acerca dos afetos e da política que moveram Gramsci durante o período em que permaneceu preso, até sua morte. Ao fazê-lo, o autor propõe um mergulho, um corte vertical na trajetória de Gramsci, distanciando-se das biografias convencionais.

O tempo contemplado pela narrativa de Giuseppe Vacca é curto. Sua abordagem não leva em conta a vida e a obra de Antonio Gramsci anteriormente ao seu encarceramento, desconsiderando, portanto, os escritos gramscianos do período em que integrou a redação turinense do *Avanti!*, órgão do Partido Socialista, ou os textos que publicou no semanário *L'Ordine Nuovo*, que fundou em 1919 e se tornará referência central do movimento do conselho no biênio vermelho, em 1919 e em 1920. O menino pobre e enfermiço, que cresceu com uma corcova às costas e teve os movimentos limitados por aquela circunstância, desaparece completamente do campo de visão de Vacca, assim como a sensibilidade extremada, o sentimento de humilhação, o ressentimento pela condenação do pai por peculato, a debilidade nervosa – sua revolta, enfim. Desaparece o enorme esforço que despendeu este menino sardo até se destacar bem cedo como combativo jornalista no ambiente socialista turinense, assim como desaparecem o voluntarismo do jovem Gramsci e seu “conselhismo”, isto é, a convicção de que os conselhos de fábrica seriam a forma ideal-típica dos sovietes na Itália. Como o próprio Gramsci reconhecerá, sua sensibilidade juvenil estará marcada pelo idealismo e pela exacerbação de cometimentos éticos – traços que chamou de “tendencialmente crocianos” e que de algum modo estarão presentes no

período de inicial adesão ao bolchevismo e mesmo, já assimilados e transformados, no seu pensamento maduro.

Em 1921, fundado o Partido Comunista, Gramsci não fará parte da Direção Executiva, cuja composição é majoritariamente revolucionarista no plano político e absenteísta no plano eleitoral. Gramsci almejava, em contraste, um partido enraizado organizativamente nas fábricas e disposto a participar das eleições, pois acreditava que a campanha de “candidatos revolucionários” serviria à organização das massas. Sua percepção do Parlamento naquele momento era, pois, meramente instrumental.

Durante o ano de 1921 e os primeiros meses de 1922, Gramsci manteve-se empenhado em produzir uma caracterização teórica e política do fascismo, definindo-o, afinal, como um movimento reacionário com forte enraizamento nos segmentos subalternos da sociedade italiana. Como se lê em um de seus artigos no *L'Ordine Nuovo*, de abril de 1921, o fascismo era um movimento político aderido aos costumes e identificado “com a psicologia bárbara e antissocial de alguns estratos do povo italiano ainda não modificados por uma nova tradição, pela escola [...]; basta recordar que a Itália tinha o primado em homicídios e assassinatos; que as mães educavam os filhos pequenos dando-lhes tamancadas na cabeça; [...] que em algumas regiões da Itália parecia natural [...] colocar uma focinheira nos vindimadores para que não comessem as uvas; que os proprietários trancavam seus empregados à chave para impedi-los de se reunirem ou de estudarem à noite”. A eficácia do fascismo derivava, pois, dessa aderência à ética social predominante na Itália, arrastando demagogicamente até setores populares na sua voragem. E, numa evidente objetivação daquela dolorosíssima experiência, Gramsci denuncia a incapacidade dos dirigentes socialistas, mesmo os “revolucionários”, de se ligarem organicamente às massas e estancarem o avanço reacionário.

Em meio a conflitos dramáticos, nos quais o “espírito de cisão” do novo partido fazia-o afastar-se dos socialistas e muitas vezes isolar-se numa posição extremada, Gramsci chegará ao II Con-

gresso do PCI, no início do ano de 1922. Ali, porém, terá demonstrado sua habilidade como construtor institucional, ao estabelecer um compromisso entre os diferentes grupos do PCI e destes com a Internacional Comunista, que aprovava em Moscou a diretiva de uma frente política com os socialistas – uma diretiva que os comunistas italianos, em polêmica com a própria Internacional, ou não aprovavam ou circunscreviam apenas ao plano sindical, como era o caso do próprio Gramsci. Este foi, então, indicado como representante italiano na Executiva da Internacional Comunista. Aos 31 anos, era impossível não se sentir politicamente prestigiado e um tanto eufórico por constituir o núcleo do governo revolucionário mundial.

No entanto, os anos de agitação revolucionária e o subsequente trabalho em Moscou o consumiram. Foi tão grave o esgotamento que Zinoviev, presidente da Internacional Comunista, recomendou seu internamento em um sanatório na periferia da cidade. Lá conheceu Eugenia Schucht, de uma família de nobres russos convertidos à ideia revolucionária e com larga passagem pelo exílio, inclusive na Itália, durante o czarismo; Eugenia, internada também por esgotamento psicofísico, passou a lhe dedicar um sentimento intenso, sendo, contudo, preterida por sua irmã, Giulia, a quem Gramsci conheceu em setembro de 1922, quando ela visitava Eugenia. A conturbada relação de Antonio e Giulia estará fadada a se tornar ainda mais dramática com a prisão do marido, em 1926, e a doença da mulher, na longínqua Moscou stalinista, a adiar indefinidamente o momento de ir à Itália. Tiveram, no entanto, um filho em agosto de 1924, quando Gramsci já voltara a Roma, na condição de deputado e principal expoente do PCI. E, na segunda metade de 1925, Giulia reunir-se-á por breve tempo ao marido em Roma, sempre acompanhada de Eugenia e de Tania, a irmã que não havia voltado à Rússia e que permanecerá na Itália durante todo o período carcerário de Antonio. Em agosto de 1926, Giulia, novamente grávida, retorna definitivamente a Moscou. Gramsci não conhecerá o segundo filho, intensamente presente nas suas *Cartas do cárcere*.

Gramsci foi preso poucos meses depois e transferido para a ilha de Ustica. O confinamento nessa ilha dura pouco e, no início de 1927, será enviado ao presídio de San Vittore, em Milão, até o julgamento em Roma, entre maio e junho de 1928. Será então enviado à Penitenciária Especial de Turi, em virtude de uricemia crônica. É nesse ponto que tem início a análise de Vacca, tendo na correspondência de Gramsci com as irmãs Schucht – Giulia e, principalmente, Tania, de quem se aproximou a partir de 1925 – um sumário da sua atividade intelectual, transposta, em grande parte, para os *Cadernos*.

Vacca oferece ao leitor, com admirável competência, três planos de leitura. O primeiro deles é o plano analítico, cujo cerne consiste na integração entre pensamento e vida de Antonio Gramsci. De fato, o livro se propõe a superar a cisão, presente em trabalhos congêneres, entre a obra de Gramsci e a sua biografia, ou seja, entre dimensões da experiência humana – o interior e o exterior, o subjetivo e o objetivo, o indivíduo e a sociedade – que não são separáveis. Vacca concebe os textos de Gramsci como ele próprio os concebia, a saber, como práticas materiais, atualizações da estrutura social e de sua dinâmica, não como o desenrolar de uma história das ideias sobre si mesma. Nesse sentido, os capítulos dedicados à psicanálise e à questão hebraica na Europa são absolutamente ilustrativos do procedimento que vige em todo o livro. Em tais capítulos, Vacca apresenta o modo pelo qual a síndrome depressiva de Giulia e sua terapia freudiana forneceram a Gramsci a oportunidade de refletir sobre o “emaranhado” afetivo e mental dos Schucht – a mãe de ascendência judia, o pai de ascendência alemã –, que experimentavam uma posição um tanto desequilibrada entre a tradição, expressa no patriarcalismo de Apollon, e a modernização acelerada da União Soviética. Naquele contexto, segundo Vacca, Gramsci terá formulado o nexo entre a difusão da chamada “literatura freudiana” – Proust-Svevo-Joyce – e a intensificação dos processos de racionalização da indústria fordista. Ou seja, o nexo entre uma forma de organização

psíquica e o novo industrialismo de molde norte-americano, tal como se observa no tratamento que Gramsci concedeu à questão sexual sob o americanismo.

Outro plano de leitura é o temático. Como se terá constituído a agenda intelectual de Gramsci no período em que esteve preso? De acordo com Vacca, os temas sobre os quais Gramsci se debruça estão em óbvio diálogo com suas vicissitudes políticas, tanto no que se refere ao PCI quanto à Internacional Comunista, sobretudo a partir de 1929-1930, quando a Internacional passou a pregar a radicalização da luta de classes. Gramsci, que em 1926 já apresentava uma divergência insanável com a forma econômico-corporativa do Estado soviético – problema que esboçou em carta dirigida ao Comitê Central do Partido Comunista Russo –, quando foi preso, e a partir do momento em que lhe permitiram redigir os “cadernos” (1929), dedicou-se a elaborar a questão da ampliação dos recursos hegemônicos da classe no poder – “solução” antípoda à da imediata revolução operária que a Internacional propugnava. Desde então, e durante todo o período da prisão, o tema da hegemonia tornou-se central, redefinindo a própria concepção de política no universo do marxismo. A ele se superpunham, contudo, algumas questões “cifradas”, que tinham o objetivo de esclarecer a sua situação e eventuais ações que pudessem libertá-lo. Os exemplos são muitos e se distribuem ao longo do livro. Mas talvez seja interessante apontar que, no auge de seu isolamento político, quando Stalin impõe aos partidos comunistas uma orientação uniforme e esquemática, atropelando processos histórico-nacionais de construção de hegemonia, Gramsci escreve a Giulia algo que, segundo Vacca, somente Togliatti poderia decifrar. Trata-se de uma mensagem cifrada acerca da tensão entre internacionalismo abstrato e política nacional concreta, mensagem na qual Gramsci indaga, de modo irônico, se é melhor classificar a linguagem do povo Niam Niam segundo critérios geográficos extensivos ou segundo o processo histórico de filiação linguística, pois em um caso, dizia Gramsci, os Niam Niam pertenceriam ao Sudão Oriental, em outro, ao Ocidental...

Por fim, há um terceiro plano de leitura – o político – que encerra a proposição mais importante, talvez, deste livro de Giuseppe Vacca: o revisionismo de Gramsci na década de 1930 e sua recepção da ideia de Constituinte. Se, em 1920-1921, Gramsci entendia o Parlamento como uma instituição burguesa, de que os revolucionários não deveriam esperar coisa alguma; e se, em 1926, Vacca divisa, contra o notável historiador comunista Paolo Spriano, o início de uma mudança ideológica em Gramsci, que passa a conferir relevância à necessidade da “catarse” política e da superação do momento econômico-corporativo na construção do socialismo, em 1930, quando a Internacional Comunista formulou o diagnóstico de uma crise geral do capitalismo, exortando os partidos comunistas à tática da “classe contra classe”, Gramsci sublinhará a necessidade de reconstruir conceitos fundamentais da política entendida como hegemonia civil, aberta à necessidade de uma longa guerra de posições em cenários adversos e marcados pela iniciativa histórica dos adversários, ainda que sob a forma da revolução passiva.

A partir de 1930, portanto, Gramsci retornará ao tema da frente única, desenhado por Lenin nos anos posteriores ao entusiasmo revolucionário de 1917, mas entendendo que era preciso reelaborá-lo profundamente – o que o leva, como dissemos, a articular inovadoramente os conceitos de “guerra de posição” e de “revolução passiva” no âmbito de uma teoria da hegemonia. Dessa nova perspectiva, em que a noção restrita de *hegemonia do proletariado* cede à de *hegemonia política*, Gramsci considera que a ação dos comunistas não poderia ser orientada pela formação de uma vontade popular autônoma, de notação jacobina, que ignorasse o terreno caracterizado pela revolução passiva, historicamente determinado, e privilegiasse doutrinariamente a forma da “guerra de movimento”, que fora típica dos bolcheviques. Ao contrário, a proposta da Constituinte traduz o afastamento de Gramsci de uma concepção de democracia como “fase intermediária” da luta pelo socialismo, identificando-a, antes, como caminho progressivo e ininterrupto de universalização do mundo dos direitos e das

liberdades. O capítulo em que Vacca discorre sobre a Constituinte é estratégico para o entendimento da posição de Gramsci naquele momento. Embora Vacca se resguarde de afirmações mais contundentes e elabore uma visão bastante sutil do problema, é possível identificar a sugestão de que Gramsci terá descartado o momento “Maquiavel”, isto é, a organização de uma revolução operária contra o fascismo ou, em outros contextos, de uma revolução nacional-popular que conduzissem diretamente ao socialismo ou ao comunismo, sem qualquer diálogo com o tema da democracia política.

Com este extraordinário livro, Giuseppe Vacca não apenas confere expressiva contribuição ao campo historiográfico marxista, como também intervém no debate contemporâneo sobre o legado político de Antonio Gramsci – trata-se de refletida e generosa reafirmação do valor da democracia como sinônimo de liberdade e justiça universais.

Prefácio

O pensamento de Antonio Gramsci influenciou minhas escolhas políticas e minhas orientações de pesquisa desde os anos de formação universitária, mas só comecei seu estudo sistemático em 1975, ano de publicação da edição crítica dos *Cadernos do cárcere*, que lhes devolveu a ordem cronológica. Ler os *Cadernos* em sua diacronia convenceu-me definitivamente da validade do critério sugerido por Palmiro Togliatti para o estudo de Gramsci. Nos “Apontamentos” para o relatório do primeiro encontro de estudos gramscianos, em janeiro de 1958, ele escreveu:

Gramsci foi um teórico da política, mas sobretudo foi um político prático, isto é, um combatente. [...] Toda a obra escrita por Gramsci deve ser tratada partindo dessa última consideração, mas é tarefa que só pode ser assumida por quem se aprofunde no conhecimento dos momentos concretos de sua ação a ponto de reconhecer o modo como a estes momentos concretos se conectam toda formulação e afirmação geral de doutrina, e seja imparcial a ponto de saber resistir à tentação de fazer prevalecer falsas generalizações doutrinárias [sobre] o nexos evidente que une o pensamento aos fatos e movimentos reais.¹

Quando, em janeiro de 1988, assumi a direção da Fundação Instituto Gramsci – o único cargo político por mim reivindicado e fortemente desejado –, inspirei-me em tais indicações para elaborar um programa de trabalho generosamente compartilhado pelos presidentes que acompanharam minha direção: Nicola Badaloni e Renato Zangheri. Um programa que não poderia ser concebido e formulado sem o “aconselhamento” de Franco de Felice e a contribuição firme e operosa de Silvio Pons. No centro havia o

¹ P. Togliatti, *Scritti su Gramsci*, organização de Guido Liguori, Roma, Riuniti, 2001, p. 213-214.

projeto de uma nova edição crítica dos escritos de Gramsci, a Edição Nacional, que teve início com muito esforço em 1998. Ela requeria seja um renovado empenho para a recuperação das fontes, seja a constituição de uma equipe de estudiosos já experimentados ou em vias de especialização, que também poderia dar vida a uma nova época de estudos gramscianos.²

Teve então início a investigação que deu origem a este livro, e recordei algumas de suas circunstâncias para esclarecer logo que ela exigiu um trabalho de vinte anos não só meu, mas de diversos estudiosos que para ela criaram, por assim dizer, um “ambiente” propício. Parece-me útil, pois, narrar sinteticamente sua gestação. No curso dos anos 1980, o propósito de promover uma nova época de estudos gramscianos havia se enraizado em mim por duas razões: a primeira era a necessidade de suprimir o singular paradoxo pelo qual, enquanto a fortuna internacional de Gramsci crescia em progressão geométrica, na Itália prevalecia a convicção de que seu pensamento devia ser relegado ao esquecimento.³

² Um amplo resumo do trabalho de recuperação das fontes da história do PCI desenvolvido pelo Instituto Gramsci entre 1988 e 1995 está em G. Vacca, “La verità su Gramsci”, *L’Unità*, 20 fev. 1996; mas devem ser considerados também a história do Instituto Gramsci e o guia aos arquivos da Fundação que foram projetados entre 1988 e 1989. Cf. A. Vittoria, *Togliatti e gli intellettuali: storia dell’Istituto Gramsci negli anni cinquanta e sessanta*, Roma, Riuniti, 1992; e L. Giuva (org.), *Guida agli archivi della Fondazione Istituto Gramsci di Roma. Annali 1992 della Fondazione*, Roma, Riuniti, 1994. No curso deste volume, dá-se conta dos novos estudos gramscianos. Sobre os critérios da Edição Nacional dos Escritos de Gramsci, cf. G. Cospito (org.), *Gramsci tra filologia e storiografia. Scritti per Gianni Francioni*, Nápoles, Bibliopolis, 2011; e *Studi Storici*, n. 4, 2011 (número monográfico).

³ Para denunciar esta incongruência, em abril de 1987, Giuseppe Chiarante e eu dedicamos um número especial de *Il Contemporaneo* à difusão do pensamento de Gramsci no mundo; e pouco tempo depois, ao me tornar diretor da Fundação, organizei um encontro internacional sobre os estudos e as traduções dos escritos de Gramsci no mundo. O encontro realizou-se em Formia, entre 25 e 28 de outubro de 1980 [cf. M. L. Righi (org.), *Gramsci nel mondo*, Roma, Fondazione Istituto Gramsci, 1995]. Nesse encontro, John Cammet apresentou, em brochura, a bibliografia gramsciana internacional na qual trabalhara solitariamente durante anos. Publicada nos Anais da Fundação (Roma, Riuniti, 1991), depois seria colocada on-line e continuada, sempre sob a direção de Cammet, por Maria Luisa Righi e Francesco Giasi, que ainda cuidam de sua atualização para o site da Fundação, no qual pode ser consultada. Sobre a injustificada desqualificação de Gramsci como expressão do atraso italiano, cf. F. Izzo, “Filosofia

A segunda originava-se do desenvolvimento dos meus estudos sobre os *Cadernos*, dos quais me pareciam emergir novas possibilidades de leitura que não mereciam ficar confinadas numa investigação individual.⁴ Para serem verificadas até o fundo, tais possibilidades exigiam não só o aprofundamento do estudo diacrônico dos *Cadernos*, mas também a reconstrução das vicissitudes políticas e humanas de Gramsci nos anos de prisão. Em outras palavras, era necessário reconstruir a unidade de teoria e biografia, e isso, para o período do cárcere, exigia uma massa de trabalho e de pesquisa que ninguém poderia realizar sozinho.

Em 1977, Paolo Spriano publicou *Gramsci in carcere e il partito*,⁵ uma pesquisa pioneira para a biografia do prisioneiro, que identificava algumas de suas questões fundamentais: as suspeitas de Gramsci em relação a Togliatti por causa da carta de Grieco em 10 de fevereiro de 1928, o fracasso das primeiras tentativas de libertação, a divergência com a política do Komintern e do PCI, sobretudo por causa da “virada” de 1929-1930. Mas esse meritório livro não mudou o andamento dos estudos gramscianos, porque a cisão entre teoria e biografia deitava raízes não só na carência das fontes, mas também nas peripécias editoriais das *Cartas* e dos *Cadernos*, e na não utilização de fontes há tempos disponíveis. À história das edições dos escritos de Gramsci dediquei algumas pesquisas a partir de 1991,⁶ ao passo que, para nos aproximarmos

della prassi e concezione della modernità”, *Critica Marxista*, n. 2-3, 1987, agora em id., *Democrazia e cosmopolitismo in Antonio Gramsci*, Roma, Carocci, 2009, p. 75-98.

⁴ Os momentos fundamentais foram três ensaios, escritos entre 1977 e 1990, que gostaria de recordar: “La ‘questione politica degli intellettuali’ e la teoria marxista dello Stato nel pensiero di Gramsci”, em F. Ferri (org.), *Politica e storia in Gramsci. Atti del convegno internazionale di Studi gramsciani, Firenze (9-11 dicembre 1977)*, Roma, Riuniti, v. 1, 1977; *Il marxismo e gli intellettuali. Dalla crisi di fine secolo ai “Quaderni del carcere”*, Roma, Riuniti, 1985; “I *Quaderni* e la politica del ’900”, em G. Vacca, *Gramsci e Togliatti*, Roma, Riuniti, 1991.

⁵ P. Spriano, *Gramsci in carcere e il partito*, Roma, Riuniti, 1977.

⁶ G. Vacca, “1926-1937: la linea d’ombra nei rapporti con il Comintern e il partito”, *L’Unità*, 13 jan. 1991; e id., “Togliatti editore delle ‘Lettere’ e dei ‘Quaderni’”, *Studi Storici*, n. 3, 1991, p. 639-662. Republicados em id., *Togliatti sconosciuto*, Roma, L’Unità, 21 ago. 1994, foram amplamente reelaborados em id., *Appuntamenti con Gramsci*,

do nascimento deste livro, é útil rever a história do epistolário gramsciano.

Os originais das *Cartas* e dos *Cadernos* foram depositados definitivamente no Instituto Gramsci em 1963, e pouco depois o fundo começou a se enriquecer com novas aquisições, entre as quais, antes de mais nada, as cartas de Tania. Em 13 de janeiro de 1964, Togliatti, que supervisionava a preparação da nova edição das *Cartas do cárcere* (Einaudi, 1965), escreve a Elsa Fubini:

Tenho [...] as cópias autênticas das cartas, feitas por Tania. Trata-se das cópias recebidas por nós na emigração e que serviram para as primeiras publicações. Talvez seja o momento de fazer também uma verificação destas cópias. Você poderia assumir a tarefa? Depois da verificação, pretendo passar estas cópias ao Instituto Gramsci, porque não é bom que estejam comigo. Além disso, estão em meu poder as cartas autênticas de Tania para Antonio. Devemos falar também destas, do modo de utilizá-las e conservá-las.⁷

A carta contém o testemunho mais autorizado sobre o modo pelo qual decorria a correspondência de Gramsci: com exceção de suas cartas a Giulia, cujos originais Tania enviava a Moscou pela mala diplomática, as outras, endereçadas quase sempre a ela, eram copiadas e enviadas a Paris, ao Centro Externo do partido, por intermédio de Piero Sraffa. Tania fazia o mesmo trabalho de cópia ou de transcrição das cartas que lhe eram endereçadas por Sraffa. Também os originais destas, portanto, inicialmente de posse de Tatiana, chegaram ao Instituto Gramsci em 1963. Além disso, a

Roma, Carocci, 1999. Nesse ano de 1999, publiquei o ensaio “Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca”, no volume de mesmo nome organizado por C. Daniele para a Ed. Einaudi, que reconstrói a história da correspondência entre Togliatti e a Executiva do PCI em 1926; além disso, as pesquisas desenvolvidas no biênio precedente sobre os *Sraffa Papers* da Wren Library, no Trinity College de Oxford, e os documentos de Angelo Tasca, na Fundação Feltrinelli, convergiram em G. Vacca, “Sraffa come fonte di notizie per la biografia di Gramsci”, amplo artigo publicado em *Studi Storici*, n. 1, 1999, p. 5-37. As investigações dedicadas às atividades de Togliatti para a publicação dos escritos de Gramsci foram afinal sintetizadas no volume XIII dos Anais da Fundação, *Togliatti editore di Gramsci*, organizado por C. Daniele, Roma, Carocci, 2005.

⁷ *Ibid.*, p. 199.

carta de Togliatti a Elsa Fubini permite datar aproximadamente do período imediatamente sucessivo à sua morte (21 de agosto de 1964) o depósito no Instituto Gramsci das cartas de Tania e das cópias das cartas de Gramsci e de Sraffa por ela feitas. Enfim, em 1974, Sraffa doou ao Instituto os originais das cartas a ele endereçadas por Tatiana. Assim, desde os anos 1970, encontra-se no Instituto Gramsci o *corpus* do epistolário gramsciano dos anos 1926-1937, do qual, evidentemente, também faz parte a correspondência entre Tania e Sraffa. Mas tanto as cartas de Tania quanto as de Sraffa foram quase inteiramente ignoradas pelos estudiosos de Gramsci. Tal era a situação ainda em 1998, de modo que acolhi de bom grado o pedido de Aldo Natoli de organizar a correspondência entre Gramsci e Tania.

A investigação produziu, antes de mais nada, um livro importante, *Antigone e il prigioniero. Tania Schucht lotta per la vita di Gramsci*, e convém lembrar as motivações que induziram Natoli a empreendê-la. Ele escreve na apresentação:

Convenci-me, com o passar dos anos, de que uma leitura das *Cartas do cárcere* desvinculada das peripécias reais do mundo moral e político do qual Gramsci fora arrancado pode servir apenas para fornecer belos ensaios para antologias. Deste modo, busquei reconstruir a correspondência entre Tatiana e Gramsci, narrando-a e reconstruindo-a carta por carta.⁸

Sete anos depois, graças à incansável colaboração de Chiara Daniele, saía a correspondência Gramsci-Schucht;⁹ mas já *Antigone e il prigioniero* fizera com que se “descobrisse” a figura de Tania, rompendo

[...] um silêncio devido, em ampla medida, ao preconceito intelectualista e culturalmente patriarcal segundo o qual uma obscura figura feminina conta pouco ou nada em relação ao grande

⁸ A. Natoli, *Antigone e il prigioniero. Tania Schucht lotta per la vita di Gramsci*, Roma, Riuniti, 1990, p. ix.

⁹ A. Gramsci e T. Schucht, *Lettere 1926-1933*, organização de A. Natoli e C. Daniele, Turim, Einaudi, 1997 (daqui por diante, GS).

intelectual e dirigente político, a não ser no plano, irrelevante historicamente, do cuidado afetivo e material.¹⁰

Enquanto Natoli trabalhava na correspondência entre Gramsci e Tania, Valentino Gerratana aceitou a proposta do Instituto de organizar a publicação das cartas entre Tatiana e Sraffa, mas não as publicou por inteiro, limitando-se a complementar as cartas de Sraffa com amplos trechos das respostas de Tania, transcritos nas notas, para tornar inteligível o desenvolvimento da correspondência.¹¹ Por isso, trabalhando neste volume, tive de recorrer muitas vezes ao arquivo, voltando a investigar as cartas em seu todo. No mesmo período, no entanto, ocorreu um fato decisivo para a reconstrução da biografia do prisioneiro: no outono de 1990, encorajado pelo novo clima criado na União Soviética pelo advento de Gorbachev, Giuliano Gramsci manifestou-me o desejo de escrever uma recordação de sua tia Tatiana, de publicar suas cartas à família, que conservava em Moscou, e de vir à Itália para realizar o trabalho, inclusive com o objetivo de reencontrar atmosfera mais propícia para estimular sua memória. Ele veio com o filho Antonio, convidados pelo Instituto Gramsci e o PDS [Partito Democratico della Sinistra], e, depois de quatro meses de intenso trabalho em colaboração com Mimma Paulesu, veio à luz o volume *Lettere ai familiari*.¹² Logo ao chegar à Itália, Giuliano doou ao Instituto Gramsci os originais das cartas de Tania, que, no entanto, se interrompiam no final de 1934. Em 2003, Silvio Pons, depois de pesquisas desenvolvidas no Arquivo Estatal Russo para a História Sociopolítica, obteve novos documentos que demonstravam seja a importância da correspondência sucessiva de Tania com a fa-

¹⁰ F. Izzo, “‘I due mondi’. Tatiana Schucht, Antonio Gramsci e Piero Sraffa sulla questione ebraica, Relazione al Convegno dell’Istituto Gramsci su Cultura ebraica e cultura scientifica in Italia (Roma, novembro 1992)”, agora in id., *Democrazia e cosmopolitismo in Antonio Gramsci*, cit., p. 214.

¹¹ P. Sraffa, *Lettere a Tania per Gramsci*, organização de V. Gerratana, Roma, Riuniti, 1991 (daqui por diante, S).

¹² T. Schucht, *Lettere ai familiari*, prefácio de G. Gramsci, introdução e organização de M. Paulesu Quercioli, Roma, Riuniti, 1991 (daqui por diante, F).

mília Schucht, seja a dureza do conflito entre as irmãs Schucht e Togliatti em torno da “herança literária” de Gramsci.¹³ A correspondência entre Tatiana e a família Schucht voltou a afluir à Fundação em 2005 e prosseguiu, por obra de Antonio Gramsci Jr., depois da morte do pai (julho de 2007), completando o quadriênio 1935-1938. Por fim, gostaria de lembrar a história da família Schucht escrita por Antonio Gramsci Jr. entre 2008 e 2010, que lança nova luz especialmente sobre a figura de Apollon Schucht e permite-nos conhecer em grandes linhas o ambiente cultural russo com que Gramsci entrou em contato em 1922-1923.¹⁴

A correspondência de Tatiana com sua família completa a documentação necessária para reconstruir a vida de Gramsci da prisão até a morte, esclarecendo seus dilemas e o destino de seus escritos. Se a correspondência entre Sraffa e Tania é, por assim dizer, conexas à de Tania com Gramsci, a russa de Tatiana pode ser considerada uma correspondência contígua, que, com as outras duas, nos permitiu recompor todo o *corpus* do epistolário gramsciano tal como será publicado na Edição Nacional dos Escritos. Assim, no verão de 2007, pareceu-me finalmente poder reconstruir a vida de Gramsci no cárcere com bases documentais adequadas, e comecei a escrever.¹⁵

Mas o conjunto das cartas citadas não esgota as fontes de minha investigação. Além do ensaio de Pons, gostaria ainda de lembrar os dois ensaios de Claudio Natoli sobre as campanhas internacionais de 1932-1934 para a libertação de Gramsci, ricos de documentação proveniente dos arquivos do Komintern, do PCI e

¹³ S. Pons, “L’affaire Gramsci-Togliatti’ a Mosca (1938-1941)”, *Studi Storici*, n. 1, 2004, p. 83-118.

¹⁴ Antonio Gramsci Jr., *I miei nonni nella rivoluzione. Breve storia della famiglia russa di Antonio Gramsci*, Roma, Edizioni Riformiste, 2010.

¹⁵ É o caso de advertir que o próprio Antonio Gramsci Jr. declara não ter completado a exploração dos papéis da família Gramsci-Schucht, de que provêm as cartas de Tatiana até agora doadas em original ou em cópia à Fundação Instituto Gramsci, em Roma. Além disso, não nos foi possível ter acesso aos documentos dos embaixadores soviéticos em Roma, de posse do Arquivo do Ministério de Relações Exteriores da Federação Russa.

de fontes da imprensa,¹⁶ e aquele de Leonardo Pompeo d’Alessandro sobre o “processão”, que ilumina, com a documentação em anexo, aspectos até agora desconhecidos ou controversos das vicissitudes processuais de Gramsci.¹⁷ Todavia, no epistolário pulsam a vida e os pensamentos do prisioneiro dia após dia, e, como Tania e Sraffa foram seus únicos intermediários com o mundo exterior, as correspondências citadas, em seu conjunto, permitem fundir numa única narrativa os afetos privados e as vicissitudes políticas de Gramsci; a atormentada relação com a mulher, Giulia; a extraordinária dedicação e a grandeza moral de Tania; a obsessão de Gramsci em relação aos filhos distantes e a aversão de Eugenia e Apollon a ele; as relações de Giulia e de Tania com o NKVD [Comissariado do Povo para Assuntos Internos] e os condicionamentos políticos a que devia se submeter toda a família; as rupturas com os companheiros de Turi e as divergências com o Centro Externo do partido e com Togliatti; as tentativas de libertação frustradas; o percurso labiríntico da liberdade condicional obtida sem admitir nenhuma diminuição de sua dignidade política e moral; o comportamento da União Soviética; a resistência heroica às lisonjas e armadilhas de Mussolini; os esforços inauditos para estabelecer nos *Cadernos* um pensamento com o qual Gramsci prosseguiu sua luta política e a decodificação da linguagem epistolar empregada para transmitir seu pensamento a Togliatti. Além disso, naqueles anos Tania e Sraffa foram figuras tão essenciais e internas em todo aspecto, em todo momento da vida de Gramsci, que não se poderia narrar seu drama sem reconstruir ao mesmo tempo os papéis de ambos e alguns aspectos de suas vidas. Por fim, o epistolário é uma chave privilegiada de acesso à leitura dos *Cadernos*: em alguns casos, sintetiza seu conteúdo, em

¹⁶ C. Natoli, “Gramsci in carcere: le campagne per la liberazione, il partito, l’Internazionale (1932-1933)”, *Studi Storici*, n. 2, 1995, p. 295-352; id., “Le campagne per la liberazione di Gramsci, il Pcd’I e l’Internazionale (1934)”, *Studi Storici*, n. 1, 1999, p. 77-156.

¹⁷ L. P. d’Alessandro, “I dirigenti comunisti davanti al Tribunale Speciale”, *Studi Storici*, n. 2, 2009, p. 481-553.

outros, acompanha sua evolução ou antecipa as linhas de pesquisa. Cotejando-o com os *Cadernos*, pois, pareceu-nos ter conseguido realizar pelo menos em parte a sugestão de Togliatti sobre o modo de reconstruir o pensamento de Gramsci. Foi o que fizemos de modo limitado aos temas presentes ou evocados no epistolário, isto é, sem a ambição de expor integralmente seu pensamento, mas consideramos ter conseguido iluminar pelo menos os aspectos fundamentais da heterodoxia gramsciana: a visão da política como luta pela hegemonia e a revisão do “marxismo oficial”, que constituiu o horizonte do programa de investigação dos *Cadernos*.

Como lembrei no início, comecei a estudar sistematicamente Gramsci na edição crítica dos *Cadernos*, e, por isso, desde então estive convencido de que deviam ser lidos a partir da tentativa de reconstruir seu “ritmo de pensamento em desenvolvimento”. Mas, em 1984, Gianni Francioni publicou os resultados de uma longa investigação filológica e crítica com que aperfeiçoava os critérios de datação dos *Cadernos*, elucidando o modo de trabalhar de Gramsci e propondo novas hipóteses de trabalho sobre sua estrutura.¹⁸ Seguindo a lição de Francioni, a Edição Nacional dos Escritos de Gramsci adotou novos critérios de agrupamento dos *Cadernos* – cadernos de tradução, miscelâneas e especiais – e foi inaugurada com a publicação dos *Cadernos de tradução*, excluídos da edição Gerratana e quase inteiramente inéditos. Graças à Edição Nacional, ou em torno dela, floresceu uma nova época de estudos que nos restituem a filosofia da práxis gramsciana em sua individualidade,¹⁹ reconstroem a formação de seu pensamento, evitando o risco de dissolvê-lo na genealogia de suas fontes culturais,²⁰ inves-

¹⁸ G. Francioni, *L'officina gramsciana. Ipotesi sulla struttura dei "Quaderni del carcere"*, Nápoles, Bibliopolis, 1984.

¹⁹ F. Frosini, *La religione dell'uomo moderno. Politica e verità nei "Quaderni del carcere" di Antonio Gramsci*, Roma, Carocci, 2010; G. Cospito, *Il ritmo del pensiero. Per una lettura diacronica dei "Quaderni del carcere"*, Nápoles, Bibliopolis, 2011.

²⁰ A. d'Orsi, “Antonio Gramsci e la sua Torino”, introdução a A. Gramsci, *La nostra città futura. Scritti torinesi (1911-1922)*, Roma, Carocci, 2004, p. 17-97; F. Giasi (org.), *Gramsci nel suo tempo*, Roma, Carocci, 2008; L. Rapone, *Cinque anni che paiono secoli. Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo (1914-1919)*, Roma, Carocci, 2011.

tigam sistematicamente sua difusão.²¹ Entre os resultados dessas investigações, amplamente utilizadas no meu trabalho, gostaria de sublinhar a divisão já amplamente consensual da biografia de Gramsci em três períodos (distinguem-se de modo cada vez mais nítido os períodos que poderíamos definir como pré-bolchevique, bolchevique e pós-bolchevique), que permite superar as velhas disputas sobre a continuidade ou descontinuidade do pensamento de Gramsci entre o período que precede o cárcere e os *Cadernos*. Não me parece que se possa falar de um pensamento sistemático de Gramsci antes da elaboração dos *Cadernos*, e a invenção de um novo léxico evidencia suas novidades especulativas. Todavia, só a unidade de filologia, biografia e teoria nos poderá mostrar a figura de Gramsci em sua inteireza e caracterização. Deste modo, o cruzamento do epistolário com os *Cadernos* deve ser estendido muito além dos limites nos quais o experimentei, e espero que os resultados alcançados encorajem outros estudiosos a ampliá-lo e a aprofundá-lo.

Esta modalidade de estudo exclui qualquer forma de teleologismo. Antes de mais nada, Gramsci foi um jornalista e um agitador político que não nos legou “obras”, mas, até 1926, milhares de artigos jornalísticos, na maioria não assinados, relatórios e documentos políticos, e um só ensaio escrito para publicação: “Alguns temas da questão meridional”, ultimado pouco antes da prisão;²² quanto ao período do cárcere, legou-nos uma grande quantidade de cartas e a massa imensa de notas dos *Cadernos*. Gramsci, pois, é um autor póstumo, que deve sua fama ao trabalho de três gerações de editores. A situação em que viveu até 1926 e as condições a que sua vida se restringiu no cárcere poderiam ter causado sua

²¹ G. Liguori, *Gramsci conteso. Storia di un dibattito, 1922-1996*, Roma, Riuniti, 1996; A. d’Orsi (org.), *Bibliografia gramsciana ragionata 1922-1965*, Roma, Viella, v. 1, 2008; F. Chiarotto, *Operazioni Gramsci. Alla conquista degli intellettuali nell’Italia del dopoguerra*, Milão, Bruno Mondadori, 2011.

²² Sobre sua origem, redação e publicação, cf. F. Giasi, “I comunisti torinesi e l’egemonia del proletariato’ nella rivoluzione italiana. Appunti sulle fonti di ‘Alcuni temi della questione meridionale’ di Gramsci”, em A. d’Orsi (org.), *Egemonie*, Nápoles, Libreria Dante & Descartes, 2008, p. 147-186.

morte em qualquer momento. Bastaria esta consideração banal para retirar legitimidade à leitura teleológica de seus escritos. Também para evitar este risco, distribuimos a narrativa das vicissitudes dramáticas que atravessam toda a vida do prisioneiro – antes de mais nada, aquelas relacionadas às suspeitas sobre a carta de Grieco e sobre a suposta responsabilidade de Togliatti pela sua não libertação – em diversos capítulos, seguindo fielmente as mudanças de percepção que Gramsci delas teve no correr do tempo. Isso permitiu-nos lançar nova luz sobre as suspeitas e esclarecer dilemas sedimentados sobre suas vicissitudes. Espero que o andamento necessariamente mais complexo da narrativa não a tenha tornado pesada demais.

Por fim, o pensamento de Gramsci é tão evidentemente condicionado pela sua biografia política e sentimental que só pode ser entendido em sua historicidade. É um pensamento móvel e complexo, que desestimula qualquer forma de “ensaísmo” voltado para reduzi-lo às necessidades das lutas políticas e culturais imediatas. Em junho de 1964, resenhando a antologia *2000 pagine di Gramsci*, Togliatti escreveu:

Hoje, ao percorrer pouco a pouco as páginas desta antologia, perpassadas por motivos diversos que se entrelaçam e às vezes se confundem, mas jamais se perdem, parece-me que a pessoa de Antonio Gramsci deve ser colocada, ela mesma, sob uma luz mais viva, que transcende as vicissitudes históricas do nosso partido [...]. Seu pensamento e sua ação inserem-se nos fatos da nossa história por um período breve e em setores bem-delimitados. Estão hoje presentes na investigação política, nas posições ideais e práticas do nosso partido. Mas me desculpem os companheiros se digo que, no meu modo de ver, não é isso que mais conta. Conta mais do que tudo aquele nó, seja de pensamento, seja de ação, no qual todos os problemas do nosso tempo estão presentes e se entrelaçam.²³

²³ P. Togliatti, “Gramsci, un uomo”, *Paese Sera*, 19 jun. 1964, agora em id., *Scritti su Gramsci*, cit., p. 308-310. A antologia resenhada era A. Gramsci, *2000 pagine di Gramsci*, organização de G. Ferrata e N. Gallo, Milão, Il Saggiatore, 1964.

O texto, que não escondia a emoção, visava mais uma vez a dar uma indicação de trabalho: a de considerar Gramsci um clássico do século XX. A edição dos *Cadernos* organizada por Gerratana disso forneceu um primeiro documento incontestável; o sucessivo trabalho filológico e crítico sobre os escritos de Gramsci confirmou definitivamente o caráter clássico de seu pensamento.

Clássico é um autor que vive além do próprio tempo e também fala aos pósteros, mas a contemporaneidade das interrogações e das motivações pelas quais nos voltamos para seu pensamento permite leituras tão mais fecundas quanto mais sua vida e seus escritos sejam situados em seu tempo. Portanto, reviver sua temporalidade é a premissa necessária para verificar sua capacidade de falar também a nós. Historicizar não é relativizar nem muito menos neutralizar. Quanto mais se historiciza, tanto mais se multiplicam e se enriquecem as perspectivas de leitura dos textos. Assim, desenvolvendo esta investigação, propus-me contribuir para colocar Gramsci em seu tempo. Por outro lado, hoje podemos nos propor escrever uma *história* da vida e do pensamento de Gramsci não só graças aos documentos disponíveis e ao trabalho crítico e filológico que temos à disposição, mas também à distância que nos separa de seu tempo. Mais de vinte anos depois do fim do comunismo, é possível encarar com serenidade e com a *pietas* necessária os dramas e conflitos de sua vida. Com este espírito escrevi as páginas que se seguem, e espero que os resultados correspondam às intenções.

Tive a dúvida de que, percorrendo de novo, pacientemente, os momentos da vida de Gramsci dia após dia, pudesse correr o perigo de cair numa “historiografia do fato”, mas creio ter podido evitá-lo, porque suas vicissitudes pessoais, seja existenciais, políticas ou sentimentais, transcorrem no cenário dramático da grande história (a história da “guerra civil europeia”). Além disso, o risco da redução me parece ter sido esconjurado também graças à pluralidade dos atores desta história, cujos recessos da alma e da mente as correspondências permitem explorar.

Resta dizer algo sobre o último capítulo: “O destino dos *Cadernos*” é um título um tanto forte, mas creio que a publicação deles tenha sido inteiramente fortuita, e que, já alcançada uma suficiente disponibilidade de documentos, seja forçoso reconstruir seu percurso eivado de incógnitas, que se concluiu com a decisão de Stalin de confiá-los a Togliatti. A fama póstuma de Gramsci deveu-se sobretudo aos *Cadernos*, e não poderíamos deixar de cumprir a tarefa de documentar quão incerta fosse sua sorte por ocasião da morte de Gramsci. Além disso, os eventos ocorridos entre a colocação dos *Cadernos* em segurança e o momento no qual Togliatti neles começou a trabalhar estão de tal modo entremeados com os conflitos que atravessaram a vida do prisioneiro, que suspender a narrativa no momento de sua morte não nos permitiria resolver alguns problemas fundamentais de sua biografia: a natureza de suas suspeitas sobre a carta de Grieco, as dúvidas sobre sua autenticidade, as interrogações relativas à efetiva disposição de Stalin de requerer sua libertação.

Giuseppe Vacca

Roma, 16 de janeiro de 2012